



TESTEMUNHAR O CAMINHO: falar do corpo pelo corpo

ALINE SEABRA

É artista e pesquisadora do teatro e da dança.
Doutoranda do departamento de Artes Cênicas da
Universidade de Brasília (UNB) desde 2021. Professora
de teatro da Educação Básica na Secretaria de Estado e
Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2008. Atua
como tutora de teatro pela Universidade Aberta do Brasil
(UNB). Possui experiência com educação inclusiva e
Processo Colaborativo. E-mail alineseabra81@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar minha experiência como pesquisadora do corpo na disciplina Laboratório de Performance, ofertada pela Universidade Federal da Bahia e lecionada pelas profas. dras. Ciane Fernandes e Melina Scialom no ano de 2021, e de como essa vivência me apresentou a prática como pesquisa como alternativa para falar do movimento de dentro da própria experiência do mover-se. Neste relato, compartilho as experiências e descobertas que me levaram aos meus interesses de pesquisa sobre a relação das narrativas do corpo com os processos de construção de autoimagem em espaços de aprendizagem. Minha investigação está ancorada em inquietações que foram sendo despertadas pelo meu próprio caminho, em especial, pela minha trajetória como professora de teatro da educação básica dentro do contexto da escola pública. As perguntas disparadoras que levei para o processo da disciplina incluem pensar sobre: (1) Como as práticas de ensino de teatro buscam compreender a representação corporal do estudante – sua fisicalidade, cultura e poesia? (2) De que maneira uma abordagem somática pode contribuir para fazer emergir as memórias e narrativas corporais dos estudantes? (3) Como a colonização dos corpos e seus atravessamentos interseccionais interferem na formação da nossa autoimagem? Neste relato de experiência, trago a importância da disciplina Laboratório de Performance para a compreensão e o desenvolvimento dos argumentos da minha prática como uma professora-artista-pesquisadora que busca caminhos para uma educação cada vez mais emancipada do corpo.

PALAVRAS-CHAVE:

Pesquisa guiada pela prática em artes. Laboratório de performance. Ensino de teatro. Narrativas do corpo. Autoimagem.

TESTIFY THE ROUTE: speaking about the body through the body

ABSTRACT

This paper intends to make a report my experience as a researcher of the body during the Performance Art Laboratory course, taught by professors Ciane Fernandes and Melina Scialom in 2021 at Federal University of Bahia, as well as how this experience introduced me to practice as research as an alternative way to speak about the movement within the experience of movement itself. In this article I share the experiences and findings that led me to my research interests about the relationship between the body's narratives and the processes of self-image construction in learning contexts. My investigation is supported by concerns that have emerged from my own practice, especially from my trajectory as a primary education theater teacher in public schools. The triggering questions that I addressed during the course include thinking: (1) How the practices of teaching theater attempt to understand the students' corporal representation – their physicality, their culture and their poetry? (2) In which way could a somatic approach contribute to making the memories and the corporal narratives of the students arise? (3) How the bodies' colonization and their intersectional crossings interfere with our self-image formation? In this experiential report I bring the importance of the Performance Laboratory course to the understanding and development of the rationale from my practice as a teacher-artist-researcher searching for an increasingly emancipated body education.

KEYWORDS:

Practice guided research in the arts. Body laboratories. Teaching of theater. Body narratives. Self-image.



PRIMEIRO PASSO

Meu caminho até a disciplina Laboratório de Performance surgiu de uma necessidade pessoal de refletir mais profundamente sobre o meu fazer e também como uma forma de abertura para a exploração dos desejos de pesquisa do corpo. Os interesses de pesquisa, que procurei desenvolver na disciplina, nasceram a partir da minha trajetória como professora de teatro da educação básica, atriz, bailarina e pesquisadora do corpo, ancorados, inicialmente, na relação corpo-pedagogia-somática-teatro-dança-performance. Soma-se a isso o desejo de aprofundar meus estudos sobre o campo da somática.

Por tratar-se de uma experiência à distância, em virtude da pandemia da covid-19, a vivência no Laboratório de Performance foi repleta de desafios e novas descobertas. A mediação das tecnologias trouxe a necessidade de novos aprendizados e revelou diferentes possibilidades de registro e interlocução das movências. A argumentação do corpo ganhou forma por meio de desenhos, fotografias, filmagens, debates, discussões por chats e WhatsApp, que abriram caminho para escritas de natureza performativa. Foram outras exigências e oportunidades de dialogar virtualmente com as inquietudes do corpo em movimento.

Segundo Mello *et al.* (2020), no texto *O que é escrita performativa?*, não é possível determinar um método de pesquisa como algo anterior à prática. De certa maneira, é como se o método e a prática fossem construindo-se de maneira colaborativa.¹

Embora já existissem, de minha parte, alguns impulsos e perguntas iniciais, especialmente ancorados em questões presentes no meu trabalho como professora de teatro da educação básica, procurei vivenciar a inteligência do processo proporcionado pela disciplina. As provocações feitas pelas professoras doutoras Ciane Fernandes e Melina Scialom orbitaram no espaço de escuta dos corpos, o que significou, entre outras coisas, uma necessidade de dialogar com a pausa e com a livre expressão do corpo, em detrimento de criações de sentido desconectadas dos desejos orgânicos das movências em curso. Procurei trazer, então, minhas perguntas iniciais para o corpo e fazer das experiências criativas e somáticas na disciplina um espaço dedicado ao estudo.

¹ O colaborativo se refere a um processo de criação com flexibilização das hierarquias, no qual o diálogo entre as partes se dá de maneira horizontal. Este conceito está ancorado nas pesquisas sobre o Processo Colaborativo de Araújo (2008).



A proposta do Laboratório seguiu uma trilha dialógica. As provocações feitas, especialmente por meio de perguntas pelas professoras, estimularam um processo de busca com alto grau de autonomia. A ideia inicial da disciplina era que cada pessoa fizesse um levantamento dos seus desejos de pesquisa/referências e que trabalhasse esses interesses nas dinâmicas propostas pela aula, que incluíam práticas de criação e improvisações estimuladas por perguntas, palavras, sons, silêncios e imagens.

As provocações/reflexões realizadas ao longo do Laboratório de Performance foram nutridas pelas imagens, cenas, debates e movências que fizeram com que as pesquisas fossem testemunhando o seu próprio caminho. A prática como pesquisa surgiu a partir da demanda de sala de ensaio que os processos foram revelando e movendo. Uma série de perguntas foram surgindo nesse processo. Quais as características da minha prática/como ela é? Quais perguntas/dúvidas/inquietações a minha pesquisa tem? Quantas possibilidades o pesquisador tem de dar corpo às perguntas e respostas? Qual o som da minha pesquisa? Qual é o meu fraseado? Como a pesquisa se espalha e se relaciona? Qual é o seu horizonte? O que ela vem derrubar ou erguer na sua área de conhecimento?

A experiência me auxiliou a ajustar meus temas de pesquisa que comecei a desenvolver no Programa de Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília em agosto de 2021, e que orbitam entre a educação somática, a pedagogia performativa e a construção da autoimagem. Meu trabalho de pesquisa atual deseja ampliar a noção de corporeidade e movimentar, especialmente, por meio de um olhar somático e interseccional,² a discussão crítica sobre os corpos no contexto da escola pública. Sinto-me impulsionada a refletir sobre como uma abordagem somática/interseccional pode atuar na compreensão crítica e no acolhimento desses corpos que, muitas vezes, chegam à escola marcados por feridas coloniais das mais diversas naturezas. Estudantes violentados por questões de gênero, raça, sexualidade, classe social e que apresentam uma série de atravessamentos interseccionais que interferem diretamente na maneira como esses estudantes, ainda na infância, constroem a sua autoimagem e seus lugares de representação. Ao testemunhar meu caminho, com suas curvas, buracos, belezas, encruzilhadas e tropeços, acredito que o que mais me motiva é pensar no teatro como uma disciplina que possa transgredir a ideia de conteúdo.³ Ao refletir sobre as narrativas do corpo, o filósofo José Gil (2018) faz algumas perguntas que se relacionam com minha experiência em testemunhar os caminhos da pesquisa. Ele diz: O corpo fala? Mas o que ele diz? Como diz? Para quem ele diz? O que fica gravado na carne? O que cria o gesto?

2 As referências utilizadas para os estudos da interseccionalidade neste trabalho, a princípio, estão ancoradas nas pesquisadoras Akotirene (2019) e Collins e Bilge (2020).

3 Quando eu me refiro a conteúdo neste texto, estou fazendo referência ao que usualmente é previsto pelos currículos da educação básica no que se refere ao ensino de teatro. Cada Estado tem uma legislação que pauta a elaboração desses currículos. No caso do Distrito Federal, que é o meu local de atuação, a legislação está pautada no currículo em movimento que pode ser acessado através do link <https://www.educacao.df.gov.br/pedagogico-curriculo-em-movimento/>



Assim, procuro trazer, neste texto, o impacto da vivência corporal que o Laboratório de Performance trouxe para os meus impulsos iniciais, bem como para o diálogo com as minhas leituras, e de como meus argumentos foram se desenvolvendo neste processo criativo e intuitivo. Trata-se, portanto, de um relato que, assim como a prática como pesquisa, estará em constante movimento, pois ele inicia, mas não finda. É um processo de constante redescoberta e releitura, que apresenta o seu próprio movimento e que tem na experiência do laboratório seu espaço de investigação constante.

TESTEMUNHAR OS CAMINHOS DO CORPO E AS DINÂMICAS DA PESQUISA

O fato de a disciplina Laboratório de Performance ter sido ofertada à distância, em razão da pandemia, resultou em uma experiência nova, visto que, normalmente, tratava-se de uma vivência de natureza presencial. O modelo remoto de aulas neste período de 2021 oportunizou o acesso de pessoas de outros Estados e exigiu uma disponibilidade para adaptar as movências-poéticas às telas e instabilidades, que são próprias dos meios virtuais.

Nos primeiros encontros, já me senti provocada a abandonar a ideia de um corpo que é colocado em segundo plano ou que responde somente quando provocado pela mente. Fomos incentivados a nos mover e a realizar perguntas encarnadas.⁴ Na ocasião, estimulada, também, pelas leituras sobre as narrativas do corpo do filósofo José Gil, percebi que aquela era uma forma de reflexão que fazia sentido para os meus interesses de pesquisa.

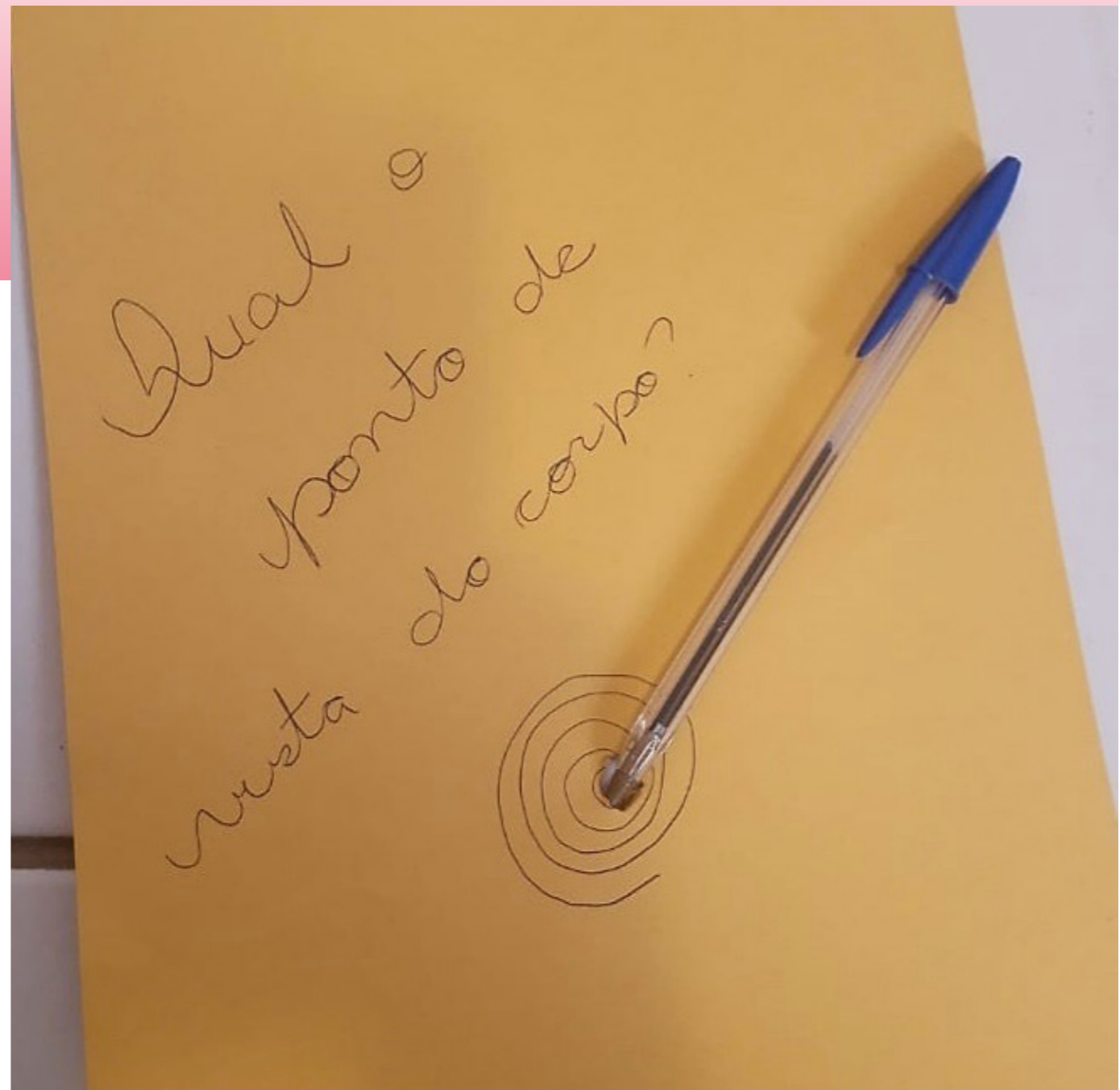
4 Quando me refiro ao termo “perguntas encarnadas”, estou fazendo referência ao processo da disciplina que buscou materializar as ideias e os questionamentos de pesquisa no próprio corpo.

FIGURA 1

Registro performativo feito em Laboratório de Performance. Fotografia tirada pela autora no dia 12 de maio de 2021.

De acordo com Gil (2018), para entender o que o corpo escreve, é preciso compreender seus pontos de vista. É por meio da emissão dos signos e gestos que o corpo se revela. Segundo o pesquisador, o corpo é vocacionado à expressão e, mesmo que não haja intencionalidade, ele estará sempre ressoando as coisas do mundo. Um silêncio que fala, um olhar que toca e uma mão que vê. A expressão do corpo, segundo o autor, não depende, necessariamente, de uma motivação interna porque o corpo não seria capaz de não exprimir. Ele sempre exprime. “O corpo é a caixa de ressonância mais sensível das tendências mais obscuras de uma época”. (GIL, 2018, p.185).

O processo da disciplina demandou diferentes formas de registro das práticas, que naturalmente acabaram resultando em registros performativos, dadas as suas características vivas e encarnadas. A turma como um todo, cada uma/um dentro da sua realidade, produziu desenhos, filmagens, escritas, fotografias, áudios e todo tipo de possibilidades de relatar as experiências corporais com cores, cheiros e sabores. Segue um relato performativo:





QUAL O PONTO DE VISTA DO CORPO?

Essa é A pergunta...

*Desculpa, mas falo isso gritando mesmo porque
é assim que eu sinto ela aqui dentro.*

*Meu corpo de bailarina anoréxica já gritava
essa pergunta lá na década de 90.*

*Como que os nossos corpos físicos/culturais e
poéticos ressoam as coisas do mundo? É*

possível ao corpo

não se expressar? Ou um corpo sempre se expressa?

O CORPO NÃO É UMA FOLHA EM BRANCO. Ah! Não é não!

Gritei novamente, não me contive...

*Desconfio que a ancestralidade já escreveu
grande parte da minha narrativa...*

E ninguém vai calar a minha ancestralidade... nem eu mesma...

*Não acho que meu corpo nasceu com o meu
nascimento. Ele já estava pairando por aí...*

Ele dançava, antes mesmo de saber o que era dança.

O corpo tem a sua própria importância!

Se for suporte de alguma coisa, que seja da almaaaa!!! ⁵

5 A mudança da tipografia na escrita de algumas partes do trabalho é proposital e está ancorada no texto *O que é escrita performativa?* Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17922>. O texto e a fotografia sobre o ponto de vista do corpo estão registrados no diário de bordo da autora bem como compartilhados no grupo de WhatsApp de Laboratório de Performance no dia 12 de maio de 2021.



A fotografia e o texto sobre os pontos de vista do corpo foram um dos primeiros materiais que produzi e que serviram de base para refletir sobre o que era mais importante naquele momento para a minha pesquisa. A disciplina proporcionou um lugar performativo de busca de sentidos. Assim, embora eu já tivesse impulsos e perguntas iniciais relacionados à narrativa dos corpos e a construção da autoimagem, foi o mergulho nas minhas próprias experiências que construíram as pistas para o caminho que nascia junto com o caminhar.

Quando eu penso no meu trabalho como professora de teatro, que é um dos lugares onde eu mais emprego energia atualmente, várias questões me inquietam. Dentre essas questões, me pergunto como as práticas de sala de aula buscam compreender a representação corporal do estudante – sua fisicalidade, cultura e poesia. Penso em como as práticas somáticas⁶ podem contribuir para pensar o corpo para além da ideia de interpretação/conteúdo/currículo e o quanto isso pode ser salutar para o acolhimento dessas singularidades dentro do contexto da escola. Embora, a princípio, não exista uma técnica somática específica neste estudo, há uma compreensão de que existem princípios comuns nas práticas somáticas que, a depender da aplicabilidade, podem contribuir para repensar o corpo. Dentro desses princípios, destaco: (1) o desenvolvimento da consciência de si; (2) o respeito à singularidade dos corpos; (3) a compreensão do corpo como uma experiência suscetível de vários atravessamentos biológicos, ambientais, sensoriais, cognitivos, afetivos e espirituais.

Esse desejo de refletir criticamente sobre a singularidade desses corpos e de como eles se relacionam vem da percepção de que existem, no contexto escolar, circunstâncias que eu compreendo como lacunares, que vão muito além da ideia de conteúdo/currículo. Ocorrem situações como a de estudantes que não reconhecem, por exemplo, o próprio corpo, sua raça, sua sexualidade e, que, conseqüentemente, reforçam preconceitos e crenças limitantes sobre si e sobre os outros. Estudantes que, entre outros exemplos, por preconceito, se recusam a pegar nas mãos dos colegas, ou que rejeitam participar das atividades por influências de alguma cultura religiosa que associe o corpo à ideia de pecado.

Se considerarmos que a escola, muitas vezes, reproduz um modelo, como diria o filósofo Michel Foucault (1987), de docilização dos corpos dos indivíduos, de que maneira seria possível pensar no teatro como uma disciplina transgressora nesse sentido? O que ensinar e o que aprender do ponto de vista corporal? Como dialogar com os corpos, muitas vezes violentados, dos nossos estudantes? O que queremos que o teatro faça por elas/eles? A esse respeito, a pesquisadora Eleonora Fabião (2009) assevera:

⁶ A contribuição dos estudos da educação somática, para esta pesquisa, a princípio, não está atrelada a uma técnica somática específica, mas aos questionamentos que seus estudos fazem sobre a percepção do corpo em sua totalidade. Podemos encontrar esses estudos nos trabalhos de Ciane Fernandes (2019), Márcia Strazzacappa (2013), entre outros.



A sala aula, o palco, a rua, a folha de papel, o corpo são dimensões de uma mesma busca: fundar espaços de reflexão e criação onde proponho que nos perguntemos não apenas o que seja “arte contemporânea”, mas o que queremos contemporaneamente, que a arte seja. (FABIÃO, 2009, p. 61)

Assim, trata-se de refletir, também, sobre o que queremos com o ensino de teatro. Compreendo que o diálogo com os princípios das técnicas somáticas pode contribuir para desenvolver um olhar crítico-sensível sobre as questões do corpo e as suas representatividades. A escolha pelas práticas somáticas vêm de um processo de identificação que compreendo ter construído ao longo dos meus quatorze anos de experiência como professora de teatro nos quais me apropriei de elementos de diferentes técnicas para o trabalho corporal em sala de aula.

Dentre as referências com as quais tenho dialogado, destacam-se, a princípio, os trabalhos de Ciane Fernandes (2019), Melina Scialom (No prelo), Márcia Strazzacappa (2013), Jussara Miller (2012), entre outros. Somam-se, a essas referências, pesquisadores do campo da educação decolonial como o professor Érico José de Oliveira (2022), Catherine Walsh (2005), Bell Hooks (2017) etc. Destacam-se também os trabalhos de Jorge Larrosa Bondía (2002), Guacira Louro (2000) e Paulo Freire (2014). Embora alguns educadores não façam parte, enquanto nomenclatura, da pedagogia decolonial, como Paulo Freire, por exemplo, visto que os estudos decoloniais são muito recentes, é possível considerar que suas *práxis* trilharam um caminho decolonial e que, portanto, seus pensamentos contribuem muito para o desenvolvimento deste estudo. É importante salientar que se trata de leituras ainda em curso, mas que de maneira direta ou indireta têm inspirado a minha prática e que em alguma medida dialogaram com o meu processo na disciplina Laboratório de Performance.

De acordo com Haseman (2015), pesquisadores guiados-pela-prática constroem pontos de partida empíricos a partir dos quais a prática segue. Eles tendem a mergulhar, começar a praticar para ver o que emerge. Nesse sentido, acredito que a disciplina ajudou a tornar o meu olhar mais sensível para os desejos de pesquisa do meu corpo e para o registro do que era capaz de observar das relações entre corpos que não eram o meu. Segue um registro performático a partir da observação e dos meus entrelaçamentos diários entre os corpos do meu dia a dia, especialmente, em espaços de aprendizagem e escolares.



*CORPO corpa docente CORPO discente CORPO doente
CORPO infrequente CORPO carente CORPO ausente CORPa
movente CORPO aprovado CORPO reprovado CORPA amarrado
CORPO sonhado CORPO amado CORPO usado CORPO aprendido
CORPO perdido CORPO diluído CORPO excluído CORPO
doído CORPO caído CORPO partido CORPO fodido CORPO esculpido
CORPO moído CORPO incorporado CORPA mimetizada CORPO
desincorporado CORPO pulsante CORPO viajante CORPO
ambulante CORPO errante CORPO eletrizante CORPA fascinante
CORPO metido CORPO estuprado **CORPO** adorado CORPO insatisfeito
CORPa consumida CORPO gordo CORPO negro CORPO branco
CORPO deficiente CORPO eficiente CORPO tímido CORPO
debochado CORPO esculachado CORPO estranho CORPO anti-corpo
CORPO pirado CORPO afetivo CORPO malcriado CORPO gozado
CORPO desastrado CORPO violentado CORPA encorpado CORPO...⁷*

⁷ A escrita utilizando outro tamanho de fonte e formatação está ancorada no texto *O que é escrita performativa?* Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17922>. O texto a que se refere esta nota foi retirado do diário de bordo da autora e registrado no dia 31 de maio de 2022.



Procurei fazer da disciplina um espaço para experimentar todas essas influências no corpo, bem como para exercitar uma espécie de performance do registro, em que pudesse brincar com as palavras e formas, buscando um texto reflexivo mais livre, vivo e próximo das minhas experimentações e vivências pelo espaço. Minha investigação sobre as narrativas do corpo e a construção da autoimagem está relacionada diretamente ao que observo no meu trabalho como professora de escola pública há 14 anos. Pretendo desenvolver minhas reflexões neste espaço por acreditar que pesquisas na área do ensino público são mecanismos de resistência e visibilidade. Esta escolha relaciona-se, também, à minha trajetória como estudante de escola pública desde a educação básica ao ensino superior. Além disso, por acreditar que a natureza inclusiva do ensino público contribui para a diversidade de culturas e corpos que nela se apresentam.

A DESCOBERTA DO ELEMENTO DO ESPELHO E A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM

A experiência proporcionada pelo Laboratório trouxe o contato com várias imagens, objetos e sensações. Todas as vivências trouxeram imagens que me inspiraram bastante. Como já foi dito anteriormente, as aulas eram permeadas por perguntas provocadoras e improvisações que, normalmente, partiam de propostas das professoras, mas que também dialogavam com o que surgia no processo. Cada estudante dentro da sua realidade de pesquisa e interesse desenvolvia, de maneira autônoma, sua pesquisa dentro da vivência da aula. Normalmente, fazíamos um alongamento/aquecimento, baseado nas necessidades individuais e partíamos para um processo de movência criativa que poderia incluir movimento corporais, pausas, trabalho de consciência de si, observação/auto-observação, integração com o ambiente, registro escrito ou falado, produção de imagens, debates e feedbacks sobre as experiências etc.



Nesse processo de desenvolvimento autônomo, tive a oportunidade de dialogar com as ideias sugeridas pelo meu próprio corpo e por aquelas sugeridas e realizadas pelos colegas de turma. Dos objetos e imagens que emergiram do meu processo, destacaria o elemento do espelho. Tanto do ponto de vista da simbologia quanto do ponto de vista da estética cênica, o espelho foi, sem dúvida, um elemento de força. Nessa ocasião, fomos provocados a improvisar a partir de um objeto. No meu caso, eu escolhi um espelho de bolso e comecei a improvisar com ele. Trabalhei movimentos explorando a ideia do reflexo e da luz que o próprio objeto provocava.

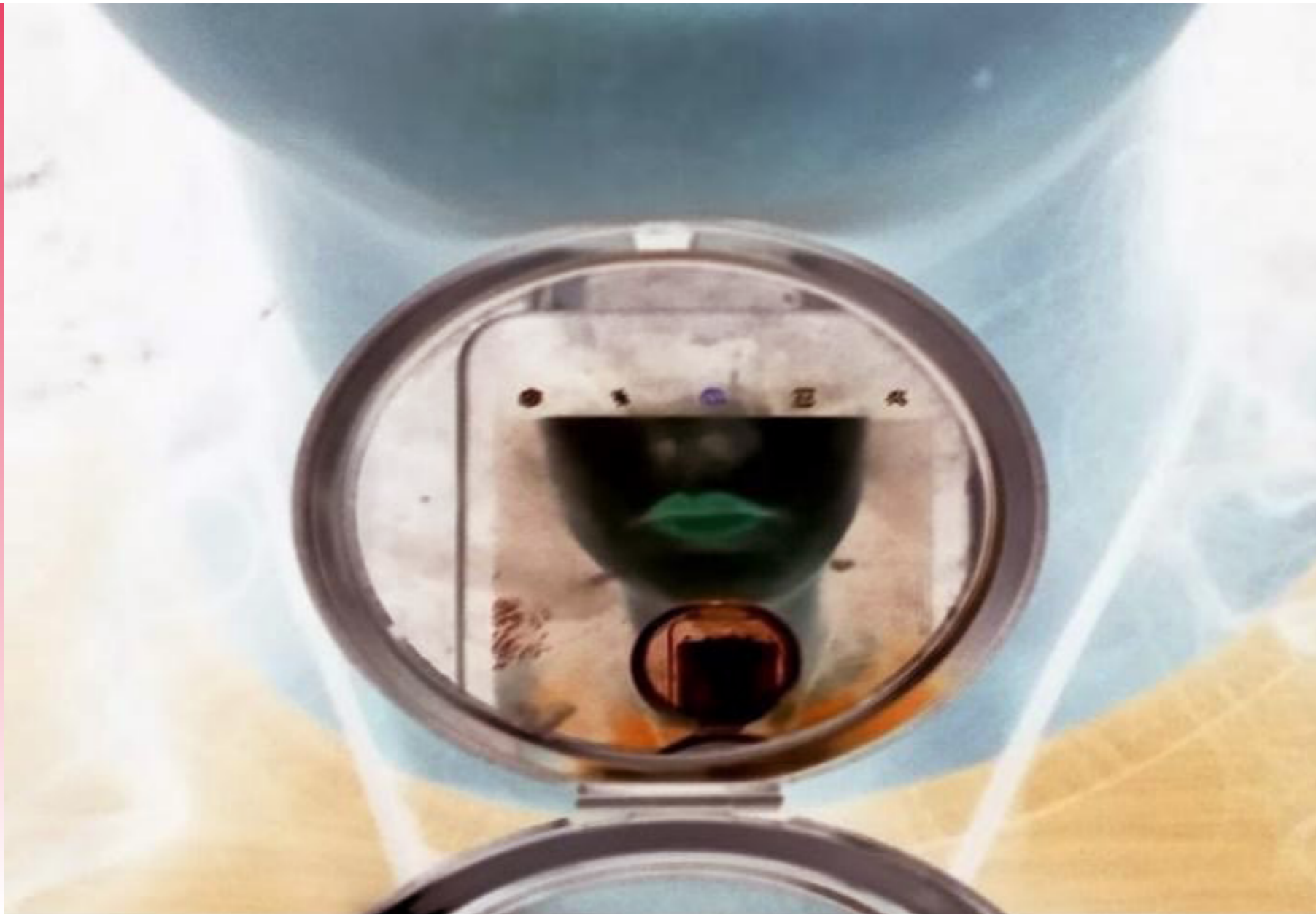


FIGURA 2

Registro performativo
feito em Laboratório de
Performance. Fotografia
tirada pela autora no dia
02 de junho de 2021.



O espelho me trouxe muitas memórias, imagens mentais e emocionais. Reflexões, literalmente, de como podemos nos identificar com a nossa imagem e com as imagens dos outros.

[...] Neste reflexo no espelho de bolso que todos trazemos conosco está a ferocidade, a força interior que transforma o corpo em lápis e leva-o a escrever conceitos a-fundantes, e eles afundam porque são conceitos ancorados no corpo. No corpo, tudo é fluxo, até a morte. (Relato do colega de curso Giorrdani Souza, em 16 de junho de 2021)

Dentro da minha pesquisa, avalio que o elemento do espelho está conectado às reflexões que tenho feito sobre a construção da autoimagem. A princípio, a delimitação do conceito de autoimagem na minha pesquisa está conectada, especialmente, aos estudos sobre a performance de si e sobre como eu observo esse recurso dentro das aulas de teatro. Uma das referências para este estudo é a pesquisadora Maria Gil (2015). Dentre os questionamentos que a autora traz, destaco os seguintes: (1) O que há de revelador quando performamos a nossa própria história? (2) O quanto de verdade individual e coletiva existe nos nossos agenciamentos poético-autobiográficos?

Um dos elementos importantes para a minha pesquisa sobre a construção da autoimagem e que está presente no texto de Maria Gil (2015) é a referência que a autora faz ao conceito de Lacan sobre o Estádio do Espelho. Ela diz:

O processo de encenar a própria vida é muitas vezes comparado ao modelo de formação de identidade de Jacques Lacan e designado pelo estádio do espelho [...] O modelo apresentado por Lacan reforça a ideia de que a identidade não é fixa, biologicamente adquirida, mas relacional, encenada em interação com outro exterior a si mesmo. No caso, o performer representado e, também, o espectador (GIL, 2015, p. 113)

A autora fala sobre os processos de empatia, alteridade e intersubjetividade presentes na relação eu/outro/nós. Reflexões que fazem muito sentido para a maneira como venho construindo meu pensamento sobre as narrativas poético-políticas do corpo e a construção das identidades individuais e coletivas. Somam-se a isso meus estudos sobre as práticas decoloniais em sala de aula.



A partir do elemento do espelho, comecei a refletir sobre como os atravessamentos de raça, gênero, classe social, presentes na nossa cultura colonial, interferem na construção da imagem que fazemos de nós mesmos e de como essas questões são escritas na nossa carne e, eventualmente, são reveladas dentro do contexto das aulas de teatro, seja por meio da criação de uma cena ou de uma situação comportamental em sala que extrapole os conteúdos teatrais previstos no currículo da educação básica.

Os debates sobre as pesquisas de natureza somática no Laboratório de Performance foram me ajudando a compreender o corpo de maneira mais integrada. Dentre as ideias debatidas pelo campo da educação somática, algumas parecem especialmente válidas para a compreensão da diversidade de corpos presente em sala de aula e que alimentaram meus desejos de pesquisa. Os corpos possuem fisicalidades e influências socioculturais diferentes e, portanto, se expressam de maneira muito particular. Strazzacappa (2013) enfatiza que cada corpo é único e que não é possível pensar em uma única técnica que se aplique a todos os corpos, tampouco, um corpo que se adeque a todas as técnicas. O corpo, portanto, “[...] tem uma memória – como registro de uma história passada – e, ao mesmo tempo, ele é uma projeção para o futuro, com sua bagagem genética, seus desejos, sonhos e projetos.” (STRAZZACAPPA, 2013, p.37) Em diálogo com as ideias do educador Paulo Freire (2014), é possível refletir, assim como pontua Strazzacappa (2013), sobre a impossibilidade de compreender o corpo como uma “folha em branco”. Os estudantes possuem inspirações próprias, são marcados por sua cultura e, muitas vezes, não conseguem ver seus corpos representados no contexto escolar. A escola pública, em especial, é um espaço de muita diversidade, contudo, essa diversidade, muitas vezes, está imersa em processos de exclusão que decorrem dos mais diversos fatores e interseccionalidades.

As práticas corporais presentes nas aulas de teatro como as atividades de exploração do espaço, aquecimento, criatividade, jogos teatrais, entre outros, a depender da forma como são aplicadas, não preenchem algumas situações lacunares com as quais o corpo docente tenta lidar no dia a dia. Assim, sinto-me impulsionada a refletir sobre como a abordagem somática pode atuar nessas situações lacunares, que estão localizadas neste entrelugar e que extrapolam os chamados conteúdos teatrais. E sobre como esse material lacunar pode ser elaborado do ponto de vista da performance de si.



A opção pela prática como pesquisa surge por acreditar nessa forma de fazer como uma oportunidade de evidenciar, na apresentação dos resultados, elementos como a criatividade, a inventividade e a intuição. A respeito da pesquisa prática em arte, a pesquisadora Melina Scialom assevera:

As pesquisas através das artes têm como tarefa, para além das pesquisas quantitativa e qualitativa, o uso da criatividade e a intuição na produção de conhecimento, incitando novas formas de se formular, articular e, até mesmo, de elaborar as perguntas. Quando a prática artística se torna parte do estudo ou o modo de se pesquisar, ela propõe um outro olhar sobre um fenômeno, ampliando as possibilidades de entendimento deste. (SCIALOM, no prelo, p. 6)

Assim, compreendo que a pesquisa através das artes vem como uma alternativa de superar a dicotomia quantitativa/qualitativa e ampliar o olhar para a inteligência do processo. Dessa forma, enfatizar a subjetividade e a poética do pesquisador na sua pesquisa.

POR FIM, O INÍCIO DE UM CAMINHO

De maneira geral, a experiência na disciplina Laboratório de Performance me reconectou com a inteligência do processo. Despertou o meu interesse de falar do corpo pelo corpo. Ampliou meu olhar para as possibilidades criativas e intuitivas da pesquisa guiada pela prática em artes. O relato aqui apresentado traz pesquisas, leituras, referências e apontamentos iniciais que emergiram dessa experiência no ano de 2021, contudo, compreendo que é uma experiência em curso.



FIGURA 3

Registro performativo realizado em uma aula de Laboratório de Performance. Fotografia tirada pela autora na cidade de Brasília-DF no dia 09 de junho de 2021

Testemunhar... Essa palavra ficou FORTE.

*Hoje durante a aula eu me deparei com alguns **ipês** no caminho... Quem conhece Brasília sabe o quanto o ipê é um **símbolo** forte da cidade. E ele floresce no período de maior seca. De repente você se depara com monumentos brancos, rosas, amarelos... No momento mais inóspito a natureza nos surpreende com essas belezas. E eu fiquei pensando o quanto é desejável que a pesquisa nos surpreenda, assim como os ipês. Acho que o pesquisador é uma espécie de testemunha do caminho. Vejo que a pesquisa é muito maior que as nossas individualidades. É um ipê **vivo**.⁸*

⁸ A escrita utilizando outro tamanho de fonte e formatação está ancorada no texto *O que é escrita performativa?* Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17922>. Acesso em: 20 set. 2022.



FIGURA 4

Registro performativo realizado no processo de Laboratório de Performance. Fotografia tirada pela autora em Brasília no dia 17 de junho de 2021.

No momento, ficam essas reflexões de como a disciplina Laboratório de Performance ampliou meu diálogo com os desejos de pesquisa ancorados no meu corpo e na minha prática docente. Já tenho algumas ideias salvas na *nuvem* e aguardo outras que estão por vir.



REFERÊNCIAS

- » AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p.
- » ARAÚJO, Antônio. *A encenação no coletivo: Desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- » BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Unicamp, São Paulo, n. 19, p. 20 – 28, abril 2002.
- » COLLINS, Patrícia Hill.; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- » FABIÃO, Eleonora. Performance, teatro e ensino: poéticas e políticas da interdisciplinaridade. In: FLORENTINO, Adilson.; TELLES, Narciso. (Ed.). *Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- » FERNANDES, Ciane. Somática como pesquisa: autonomias criativas em movimento como fonte de processos acadêmicos vivos. In: CUNHA, Carla.; PIZARRO, Diego.; ANNIBELLI, Marila. (Ed.). *Práticas somáticas em dança: Body-mind centering em criação, pesquisa e performance*. 1. ed. Brasília: IFB, 2019. v. 1.
- » FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- » FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 57 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- » GIL, José. *Movimento total: o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2018.
- » GIL, Maria. A intimidade em performances autobiográficas. *Cadernos PAR*, Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha – IPLeia, Caldas da Rainha, n. 6, p. 104 – 123, Outubro 2015..
- » HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. In: CERASOLI JR., U. et al. (org.). *Anais do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP*. São Paulo: ECA/USP, v. 3, n. 1, 2015, pp. 41-53.
- » HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 283 p.
- » LOURO, Guacira. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



- » MELLO, Ines Saber de *et al.* O que é escrita performativa?. *DAPesquisa*. Do tema aos modos, reflexões e invenções: pesquisa em artes e as escritas da pesquisa, Udesc, Florianópolis, v. 15, p. 01 – 24, Outubro 2020.
- » MILLER, Jussara. *Qual é o corpo que dança?:* dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.
- » OLIVEIRA, Érico José (org.). Artes cênicas e decolonialidade: conceitos, fundamentos, pedagogias e práticas. São Paulo: E-Manuscrito, 2022.
- » SCIALOM, Melina. *A prática-como-pesquisa nas artes da cena:* discutindo o conceito, metodologias e aplicações. In: FERNANDES, Ciane.; SANTANA, Ivani.; SEBIANE., Leonardo. (org.). *Performance, Somática e Novas Mídias*. Salvador: EDUFBA, No prelo.
- » STRAZZACAPPA, Márcia. *Educação somática e artes cênicas:* princípios e aplicações. São Paulo: Papirus, 2013.
- » WALSH, Catherine. *Pensamento crítico y matriz (de)colonial:* reflexiones latinoamericanas. 1. ed. Quito: Catherine Walsh, 2005/maio. 304 p.